



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

REFORMA E REFORMADOS

Marcos Roberto Inhauser

Acabo de ler o livro de Margeret Borden sobre “as Dimensões da Criatividade”, onde, no primeiro capítulo, Simon Schaffer faz considerações sobre as características da descoberta. Nele, afirma que a transpiração e inspiração são irmãs gêmeas do processo e que uma descoberta, para ter impacto, deve responder a algumas condicionantes históricas. Mostra que, em vários casos, como por exemplo Newton, Thomas Edison, Pascal e outros, as descobertas por feitas não eram totalmente novidade, mas tinham antecedentes nas pesquisas, descobertas e pensamentos anteriores.

No campo da Reforma religiosa do século XVI, Lutero também não pode ser apontado como alguém que teve todas as ideias que o motivaram a posicionar-se da forma como o fez, mas Wycliffe, os Valdenses, Albingenses, John Huss, Savanarola são comumente citados como antecessores da Reforma.

Mais que isto, a “descoberta” de Lutero que a justificação do pecador se dá pela fé e esta é obra da graça de Deus, só foi possível porque teve acesso a pensamentos divergentes da teologia oficial da época e porque esta descoberta teve ambiente histórico, econômico e político para ser aceita larga e amplamente como resposta esperada pela população, tendo em vistas as opressões que sofriam do senhor feudal e da própria igreja através de suas autoridades. Não fossem dadas estas circunstâncias históricas, provavelmente Lutero, Calvino, Zwínglio e outros talvez não tivessem sido quem foram.

Entender esta dimensão história e as condicionantes políticas e econômicas do contexto em que tal se deu, é fundamental. Talvez seja por isto que muitos não entendendo estas implicações, querem reproduzir a Reforma do século XVI em pleno século 21.

Tendo isto em mente se deve entender a expressão reformada que se tornou bandeira, ainda que na prática quase nada tem acontecido: Igreja Reformada sempre reformando.

Quando neste 31 de outubro a igreja reformada e protestante estará celebrando os 486 anos da Reforma, uma pergunta deve estar na mente: o que mudou na igreja reformada nestes 486 anos? Não são as igrejas reformadas réplicas de práticas seculares e, portanto, defasadas no tempo e inócuas nas respostas aos cidadãos do século 21?

Aqui, me parece, reside uma das questões que as igrejas reformadas (e também a católica) devem analisar quando avaliam os problemas pelos quais estão passando, que se traduz na perda de membresia, na falta de vitalidade e no pouco envolvimento de seus membros: está a igreja respondendo às questões das pessoas que vivem no mundo atual? Ou está a igreja repetindo respostas de centenas de anos, que se foram próprias naquele momento, hoje nada dizem?

Muitos pedem uma nova Reforma, mas estariam eles dispostos a uma ruptura radical com o atual modelo? Não são muitos destes, pessoas que pedem reforma, mas as querem para reforçar o que já fazem há séculos?